# *ARTIGOS*

## O Pilão na geografia e na literatura

GUARINO ALVES DE OLIVEIRA (*)

*"Ainda que pisasse o tolo com uma mão de cevada pilada, não se iria dele a sua estulticia."*

*PROVÉRBIOS, 28. Cap. 27. V. 22*

Em outro tempo quatro coisas podiam orientar o andarilho no deserto: fogo, machado, bigorna, e pilão. Visual ou auricularmente determinavam a existência de rancho, de fazenda e mesmo de povoado. Sobretudo o Pilão, bem marcante através da cadência das piloadas, superando sentimentalmente a fumaça das "coivaras", as batidas do machado na mata e o martelo na bigorna. Utensílio universal e antiquíssimo, resiste aos mais variados tipos de máquinas de moer café, de triturar milho, arroz e carne assada. Em espanhol, descarcarar o machacar en el pilón.

Quando se diz: "pilão", a idéia imediata é de tratar-se do almofariz. O pau de triturar chama-se "mão de pilão", equvalente a "mão de pilar". Se o sertanejo disser: "traga o pilão", na certa receberá o recipiente, salvo no caso de pormenorizar: o pilão e a mão.

O pau triturador, acrescente-se, tem seu lado interessante, duas vezes útil, porquanto também serve para matar animais domésticos, de preferência o carneiro e o suino.

O almofariz - pilão e gral - requer para sua confecção madeira resistente. Pode ser feito de tronco de aroeira, de pau d'arco, pau-ferro e baraúna. Há, inclusive, um modelo horizontal, dito "deitado", com duas a três bocas na face anterior.

---

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Quanto, ainda, à mão de pilão com boleadas, para manejá-la é ncessário que o indivíduo, homem ou mulher, tenha substância e prática. Da cadência das piloadas pode-se avaliar o vigor de um pulso. Outrora, negras escravas suaram a bicas, manejando-a: *tam, tam, tam!*

*****

Nesse mister de triturar alimento, homogeneizando-o, entra a paçoca, cujos ingredientes são a carne assada, a farinha de mandioca, o sal e a cebola. No mesmo processo de trituração, o fubá (milho) e também grãos de café.

Em determinadas circunstâncias, à monotonia das piloadas junta-se uma cantoria, ou monólogo, quiçá à guisa de disfarce ao cansaço. Conforme o bem antigo brocardo, *quem canta, seus males espanta*.

Poetas populares, inspirados ao som das piloadas, escreveram versos exaltando a melancolia do ofício de pilar. Melancolia, resistência e esperança. Às vezes, um desabafo. Por exemplo: Antônio Meireles (*O velho pilão e o baú de recordações*, reportagem no diário O POVO, de Fortaleza, 1978) transcreveu estes versos:

> "Eu te piso / Eu te respiso / E te reduzo a granito / No pilão de Salomão".

O sentido, nesse passo, parece, parece, dessarte, implicar estado do emoção exaltada. Em outros casos o pilador faz monólogo, sem cantar.

Vicente Sales (*Metamorfose da Colônia*, Rev. BRASIL AÇUCAREIRO, Rio, 1973) transcreve:

> "Vou mimbora, vou mimbora / Pisa, pilão / Como já disse que vou, / Pisa, pilão! / Nesta terra não sou nada, / Pisa, pilão!"

Pilar cantando, ou monologando é costume em toda parte. Ainda hoje, em África, mais propriamente em aldeias do Saara, negras trituram aos pares e alternadamente, servindo-se de paus bastante compridos, pouco mais de dois metros. Pilam e cantam

alto, de pé, conservando o braço esquerdo caído ao longo do corpo. Note-se, que este processo de trabalho (duas mulheres ocupando-se de um só almofariz) não é exclusividade africana. Em regiões interioranas de Minas Gerais, Bahia e Goiás ocorre esse mesmo costume. Provavelmente, herança cultural dos primeiros tempos da escravidão negra. A esta maneira de operar dizem *caçula* ou *sula*. Enfim, assunto interessante para etnógrafo.

No século passado, o almofariz também podia ser de pedra, de ferro, de ágata, de bronze e até de aço. Tudo de conformidade com a ambiência, o grau de cultura e as razões técnicas: utensílios grandes, médios e pequenos, rústicos ou artísticos. Cite-se, aqui, um modelo europeu, metálico, que serviu de título para o livro de Adolpho Bloch - *O Pilão*. Diz o autor: "Como riqueza, trouxemos apenas a saúde. E como bagagem, um pilão." Aliás, portátil e de uma só boca...

No interior do Nordeste brasileiro, pedras duríssimas substituem, às vezes, o boleado do pau triturador. Eram "pedras de raio", ou seja, "corisco". Entretanto, a peça podia ser também de bronze.

Leio no Inventário de Amaro José Arruda (doc. do arquivo do escritor cearense Assis Arruda) passado na Vila de Sobral da Ribeira do Acaraú, 15 de dezembro de 1839:

> "Declarou mais a Inventariante meeira haver ficado em seu casal por óbito do marido, um almofariz, com mão de bronze, em uso, visto e avaliado pelos Avaliadores em preço de dois mil réis com que sai à margem."

No Inventário de Antônio Pires Ferreira (Hélio Galvão, *Velhas Heranças*, Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1967) passado na Vila de Arês a 26 de setembro de 1801 está consignado:

> *...hum almofariz de bronze com sua mão de pau, 58.*

Como se observa, recipiente e "mão" variavam quanto ao material de que eram feitos. Na REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL de S. Paulo encontrei notícia do achado de um almofariz de pedra antiquíssimo.

Outro aspecto a registrar, diz respeito ao pilão na geografia nacional, tendo-se em vista a toponímia. Creio que agora se trata do *monjolo* movido por água, para pisar milho e outros cereais, presente no alvorecer do Brasil-Colônia e séculos mais tarde. Desses engenhos rústicos, diferentes no processo à arte de pilar em almofarizes domésticos, preponderantes em cozinhas e pátios de fazendas nordestinas, certamente procedem muitos nomes de rios e localidades:

*Rio Pilões*, afluente do Claro e confluente do Araguaia. *Rio do Pilão*, afluente do Capiberibe em Pernambuco. *Rio Pilões*, em Florianópolis. *Porto do Pilão*, no município norte-rio-grandense do Açu. *Pilões*, antigo Arraial em Goiás. Pilão Arcado, região hoje desaparecida em virtude das águas da Represa de Sobradinho na Bahia, lago de 350km de extensão. Pilão, no município cearense de Russas e também um sítio em Pacatuba. Pilões, em São José do Rio do Peixe, no Piauí. Pilões, município da Paraíba do Norte. Cachoeira dos Pilões, em Laguna, Rio Grande do Sul.

A propósito, vejamos João Lyra Tavares (*Apontamentos para a História Territorial da Paraíba*) que registra petições de sesmarias do século dezoito, algumas das quais referindo o topônimo invicto: terra dos *Pilões* no sertão do Cariri. Logradouro e solo dos *Pilões*, na ribeira do Piancó. *Saco dos Pilões*, na serra do Castelo. Riacho dos Pilões, na cabeceira do rio Piancó. Lugar chamado Pilões. Serra dos Pilões, no sertão do Piancó. Fazenda Pilões, na ribeira do Patu. E Olho d'Água dos *Pilões*, no interior de Piripitiba.

No caso do almofariz doméstico, normalmente de "cintura", isto é, de duas bocas, ou seja também o "deitado", há citações na literatura em geral - história, folclore, poesia e ficção. Veríssimo de Melo (Folclore Infantil, 2ª edição, 1975) coloca-o em evidência, ao escrever sobre jogos infantis, trazendo à tona Maria Lira e Leonor Posada, em torno de um escravo Manoel João. Este "tomava conta das galinhas (galinha de Angola), popularmente, "angolina", e fazia a contagem delas, todas as tardes na fazenda. Se o preto não as achara todas, era fatalmente castigado. Então o capataz prendia-o no pé do pilão (amarrado pelo pé a grossos troncos de madeira pesados com o pilão) e ficava passando a carne seca com feijão."

Este passo no livro de Veríssimo vem muito a propósito. Em fazendas nordestinas de antigamente o negro como castigo tinha os pés amarrados à cintura do almofariz e, na falta deste, qualquer pau pesado. Deve ser, portanto, a origem da cantoria transcrita por Veríssimo de Melo:

*Pé-de-Pilão, / Carne seca com feijão / O ferreiro faz a forca / Mas não faz o gavião.*

Salvo equívoco de minha parte, "gavião" é o formão de carpintaria.

Por outro lado, vejamos Maria Marta de Araújo (*O Cordel como Manifestação de um Momento Cultural*, Rev. TEMPO UNIVERSITÁRIO, Natal, 1976) reproduzindo estes versos populares:

"As moças teciam redes / com fios de algodão / e a velha na cozinha / cuidava da refeição / cuscus de milho moído / ou pisado no pilão."

O almofariz de "cintura", por exemplo, está no "xote" cantado pelo saudoso Luís Gonzaga: *Vem cá cintura fina / Cintura de pilão / Cintura de menina / Vem cá meu coração.*

O folclore de S. Paulo fala de um *Pilão de Fogo*. Aparecia rolando com grande barulho nas estradas para espanto e medo dos viajantes...

Mas, o almofariz "deitado" também deixou lembrança. No interior do Rio Grande do Norte, no ano de 1901, o bandoleiro famoso Antônio Silvino, com sua gente, hospedou-se na FAZENDA PEDREIRAS do Capitão Janúncio Salustiano da Nóbrega. De repente, chegou uma "volante" policial da Paraíba. Durante o cerrado tiroteio, morreu um cangaceiro de nome "Pilão Deitado"!

Apesar do progresso da técnica em metais e sua difusão no *hinterland*, o almofariz doméstico de madeira permanece firme em fazendas e povoações. Basta lembrar como peça insubstituível entre os bandoleiros de Virgolino Ferreira o pilão, transportado em lombo de animal, ou no ombro de alguém, tão valioso quanto a máquina SINGER portátil de Maria Bonita.

O Pilão, símbolo dos mais importados capítulos da história colonial - o abataxi indoá meme do silvícola - certamente, creio, nunca jamais desaparecerá do convívio doméstico, apesar do avanço da metalurgia e sem produtos vendidos nos sertões, como por exemplo, o moído manual.